



Entre promessas e paradoxos cristãos, em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis¹

Between Christian Promises and Paradoxes in Dom Casmurro by Machado de Assis

Weverton Castro²

César Martins de Souza³

Resumo: A Bíblia extrapolou as paredes da Teologia e invadiu o mundo da Literatura, emprestando seus personagens e temas a diversas obras literárias em todo o mundo. No entanto, o uso dos textos bíblicos em outros universos além das interpretações doutrinárias suscitou críticas, tanto de hermeneutas que desejavam trancar a Bíblia em seu reduto hermenêutico institucional, quanto de literatos que se negaram a reconhecer o valor dos textos bíblicos para a literatura. Neste artigo, a partir de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, será analisada a importância da abordagem literária como forma de interface com os textos bíblicos e os desafios dessa empreitada, cercada de preconceitos e críticas, mas profícua para ampliar o campo de possibilidades de compreensão da Bíblia.

Palavras-chave: Cristianismo e literatura. *Dom Casmurro*. Machado de Assis.

Abstract: The Bible went beyond the walls of theology and invaded the world of literature, lending its characters and themes to diverse literary works around the world. However, the use of biblical texts in other realms beyond doctrinal interpretations has raised criticism, both from hermeneutists who wished to lock the Bible within its institutional hermeneutic stronghold and from scholars who refused to recognize the value of biblical texts for literature. In this article, starting with *Dom Casmurro* by Machado de Assis, the importance of the literary approach will be analyzed as a means of interfacing with the biblical texts and the challenges of this endeavor, surrounded by prejudices and criticisms, but one that expands the field of possibilities for understanding the Bible.

Keywords: Christianity and Literature. *Dom Casmurro*. Machado de Assis.

Introdução

Os termos Bíblia e literatura têm ganhado espaço em diversos meios acadêmicos atualmente.⁴ De forma geral, a leitura da Bíblia como obra literária tem como objetivo

¹ Este artigo foi recebido em abril de 2023 e submetido a uma avaliação cega por pares, conforme a política editorial, sendo aprovado para publicação em agosto de 2024.

² Mestre. Faculdade Adventista da Amazônia. E-mail: weverton.castro@faama.edu.br

³ Doutor. Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: cesarmartinsouza@gmail.com

⁴ Diversas obras carregam no título o binômio “Bíblia-Literatura”, como por exemplo “The Bible as Literature” (2008) de Glen Cavaliero e T. R. Henn, “The Bible as Literature” (2006) de Irving Francis Wood e Elihu Grant, “The Bible as Literature” (2009), de John P. Peters, Richard Green Moulton e A. B. Bruce, “The Bible as/in Literature” (1995), de James S. Ackerman e Thayer S. Warsaw, “Reading the Bible as Literature” (2010), de



compreender o texto bíblico a partir de óticas contemporâneas, contrapondo o olhar da crítica literária às práticas tradicionais da exegese teológica. Embora, à primeira vista, tal perspectiva crie um caminho espinhoso de polarização quanto ao valor da Bíblia, uma premissa que pode ser aceita por ambos os lados é que a Bíblia é uma obra basilar da literatura, com grande influência em diversos escritos ocidentais.

Em seu estudo sobre Levinas, Sayão (2020, p. 324) afirma que a liberdade da escrita literária abre caminho para dialogar “despudoradamente” com diferentes campos do conhecimento, no sentido de provocar reflexões densas sobre perspectivas que lhes são próprias. Assim, a literatura permite compreender profundamente, sob outros ângulos, a História, a Antropologia, a Teologia cristã e outros universos, por se permitir adentrar “sem as amarras” possíveis contidas nesses campos de estudo, trazendo, assim, reflexões pontuais ou amplas sobre diferentes temáticas.

No universo literário, textos revelam outros textos, como bem salientou Umberto Eco ao apresentar o seu romance *O Nome da Rosa*: “descobri o que os escritores sempre souberam (e nos disseram muitas e muitas vezes): os livros sempre falam sobre outros livros, e toda história conta uma história que já foi contada” (apud HUTCHEON, 1991, p. 167).

Novos textos são devedores de ideias presentes em textos antigos, as quais foram apropriadas, consciente ou inconscientemente, a partir de um enorme emaranhado de textos que atravessam o autor. Esses cruzamentos entre textos não obedecem a barreiras de estilo, cânone, períodos ou classes. Textos de diferentes culturas, épocas e estilos se encontram, se inter cruzam e recriam-se, conservando rastros de ideias anteriores.

Ao analisar o papel da crítica textual frente às diferentes relações entre textos, Leyla Moisés (1978, p. 58) problematiza a questão da originalidade quando se percebe a existência de “alusões, citações, paródias, pastiches, plágios” que “inserir-se agora na própria tessitura do que lhe seria específico e original.” Contudo, ainda há estudos da Bíblia que persistem em ecoar turbulências neste campo, reforçando o status de sagrado que é concedido a esta obra pelos cristãos, sobretudo no Ocidente.

Neste campo, o presente artigo propõe um diálogo mais amplo sobre Bíblia e literatura, partindo para discussões sobre a fortuna crítica em Machado de Assis, com foco na obra *Dom*

Jeanie C. Crain. Obras traduzidas para o português podemos citar “A Bíblia como Literatura” (2003), de John Gabel e Charles Wheeler, “Leia a Bíblia como Literatura” (2007), de Cássio Murilo Dias da Silva, “A Bíblia como Literatura” (2000), de José Pedro Tosaus Abadía. Essa é apenas uma pequena amostragem das diversas obras que aproximam os termos Bíblia e literatura como objeto de estudo.



Casmurro, uma das mais conhecidas deste renomado escritor brasileiro, que possibilita um olhar para as intertextualidades com a Bíblia e a problematização de paradoxos de discursos e experiências relacionadas ao cristianismo.

Bíblia e literatura: diálogos e interlocuções

As grandes religiões do mundo possuem livros sagrados, como o *Corão* dos islâmicos, os Vedas dos hindus, a *TaNakb* dos judeus e a Bíblia dos cristãos. Antônio Magalhães (2008, p. 14) afirma que, no Ocidente, a *Bíblia* seria “a obra basilar da literatura ocidental, emprestando-lhe temas, técnicas, personagens fortes, tramas sucintas, mas cheias de suspense e criatividade.”

Para Sayao (2018, p. 314-315), a literatura tem uma “face transgressora” que rompe barreiras disciplinares e possibilita outros olhares sobre diferentes temáticas. Assim, quando pensamos nas relações entre Bíblia e literatura, não parece fazer sentido o estabelecimento de dicotomias entre esses dois campos, pois esse posicionamento empobreceria as análises e também impediria olhares interdisciplinares e multidisciplinares, os quais abrem diversas possibilidades de compreensão dos textos sagrados e também de leituras de obras consagradas da literatura.

Nas últimas décadas, diversos estudiosos têm vencido as barreiras do preconceito através da aproximação entre esses dois campos. É possível identificar diversos trabalhos de teólogos e especialistas nos textos bíblicos que os analisam a partir de teorias literárias, assim como críticos literários que se dispõem a se debruçar sobre a Bíblia como uma importante obra.

Alter e Kermode (1997) consideram que existem perdas quando os teólogos tentam isolar a Bíblia de outros olhares, assim como é restritiva e empobrecedora a tentativa de outros pesquisadores de afastar o religioso do literário.

A união da crítica religiosa e secular ensinou aos praticantes da primeira que seus estudos podem ser bastante incrementados pela atenção aos métodos seculares; os da última foram beneficiados pela descoberta de que a Bíblia, à qual poucos críticos mais influentes têm ultimamente prestado muito atenção, é simplesmente de tal qualidade que negligenciá-la lhes acarretou um imenso custo (ALTER; KERMODE, 1997, p. 13).

Lima (2015) aprofunda o debate ao afirmar que a escola da leitura da Bíblia como literatura ainda “possui consciência de grupo frágil” por não demonstrar uma homogeneidade teórica ou metodológica. Mesmo reconhecendo a diversidade de abordagens, o autor destaca alguns pontos em comum nesta perspectiva, que é a tentativa de deixar de lado o tradicional status religioso que



eleva a Bíblia a um patamar de livro superior aos demais, ao classificá-la como sagrada. Tal distanciamento do cenário sagrado é levado mais longe por outro grupo que nega o valor histórico dos relatos bíblicos (TOSAUS ABADÍA, 2000, p. 23; MILES, 2009, p. 22). Lima (2015) destaca que, em tal postura, há uma forte rejeição do tratamento tradicional dado ao texto bíblico, de que seus relatos refletem fatos reais ocorridos no passado.

Assim, ao avaliar o panorama atual, vemos que ainda há questões complicadas em torno do estudo da Bíblia como literatura, pois tal aproximação pode ferir a visão religiosa (ou antirreligiosa) que o leitor possa ter do texto bíblico. Porém, para além dessa visão dicotômica, consideramos que é possível enxergar a riqueza literária da Bíblia sem necessariamente despi-la de sua herança cultural-religiosa. Sua sacralidade, historicidade e importância para o grupo religioso que a respeita não são elementos contraditórios ao seu imenso valor para a literatura mundial.

Reflexões sobre os diálogos entre temas bíblicos e a fortuna crítica machadiana

O estudo das inúmeras “presenças” de referências bíblicas nos textos de Machado de Assis não é algo novo no campo dos estudos literários. Eugênio Gomes realizou estudos sobre a influência inglesa em Machado de Assis, verificou a importância desse artifício e afirmou que é “imprescindível a necessidade de tais investigações, até porque abre caminho à elucidação do processo de criação ou recriação artística em muitas de suas minúcias reveladoras” (GOMES, 1958, p. 97).

Roberto Schwarz (2000a) afirma que Machado de Assis possui obras marcadas por uma reflexão crítica, construída com base em análises filosóficas que o aproximam de autores como o russo Anton Tchekhov. Em seus contos, marcados pela análise da sociedade e por uma forte comicidade, o texto machadiano olha para os problemas do Brasil, sem deixar de olhar para o universo humano.

No mesmo sentido, mas em outro livro – *Memórias póstumas de Brás Cubas* (consultar MACHADO DE ASSIS, 2015) –, Schwarz (2000b) considera que os diálogos das personagens de Machado de Assis são marcados por uma “ilusão satírica”, eivada de análises do narrador e das próprias personagens, que são impregnadas de abordagens teológicas, filosóficas e sociológicas, mergulhando nas contradições humanas e nas tentativas de compreender o país. Assim, sua visão



perpassa a crítica ao individualismo moderno como uma forma de negação da religiosidade que os próprios sujeitos manifestam professar.

Na perspectiva oposta, o fanatismo com que o homem comum se vota a competir com o próximo e a superá-lo, nem que seja em fantasia, aparece como uma espécie de alienação religiosa por sua vez, insinuando que o individualismo moderno está longe de ser a forma de vida compreensível, racional e sóbria que se supõe. Deste segundo ponto de vista a nossa conduta corrente aparece recuada, posta à distância, não menos esquisita que os exercícios de um especialista na negação da felicidade terrena (SCHWARZ, 2000a, p. 103).

Para Schwarz (2000b), a literatura machadiana constrói um equilíbrio entre a problematização dos relacionamentos sociais do Brasil e uma visão mais ampla, que se insere na literatura universal de seu tempo, dialogando com problemas que transcendem a realidade brasileira para a construção do próprio ser humano.

Na visão de Benedito Nunes, as obras de Machado de Assis se baseiam em uma hermenêutica que adentra diálogos com temáticas bíblicas, tecendo considerações sobre o bem e o mal, num aprofundamento filosófico em intertextualidade com a religiosidade cristã.

Por esse meio, alçava Machado de Assis as contradições da existência humana ao plano mítico ou metafísico do contraste dramático entre forças opostas e irreduzíveis, que se combinam sem jamais harmonizar-se completamente.

Toda a filosofia de Machado de Assis, o homem de carne e osso, como experiência vivida, transformada pela imaginação e recuperada pela fantasia literária, toda a sua maneira de sentir e de compreender o mundo, introjetada nos temas, situações e personagens de seus contos e romances mais significativos, estariam sintetizadas nessas três diferentes figurações (NUNES, 1989, p. 3).

As obras de Machado de Assis são pautadas em um profundo diálogo com temáticas cristãs para construir suas narrativas e personagens. A religiosidade cristã na literatura machadiana é um ponto de divergência nos trabalhos de Conceição (2013), que critica Bressane (1978) ao questionar a divisão que ele fez dos textos machadianos em cristãos e não-cristãos, dentre os quais *Dom Casmurro* seria uma obra não religiosa. Conceição argumenta que *Dom Casmurro* adentra temáticas densas do cristianismo, propondo reflexões que descortinam os paradoxos de cristãos que baseiam seus discursos em partes da Bíblia, ao mesmo tempo em que se “esquecem” de outros textos, para esconder suas próprias contradições, sobretudo no tocante a problemáticas sociais.

Bressane deduz, a partir de suas obras, que Machado “dá mostras de nunca haver manuseado um compêndio de teologia, uma história eclesiástica ou um catecismo de perseverança” (BRESSANE, 1978, p. 34, 35). Aprofunda sua crítica classificando as obras de



Machado com a ausência do “lume da fé”, sendo profundamente humanas e não cristãs, visto que é perceptível a ausência do sobrenatural. Tal perspectiva humanista em Machado incomoda Bressane e o leva a defender que ela afetaria suas citações bíblicas, as quais, apesar de frequentes, não tratariam sobre temas espirituais.

Ele deixa transparecer nitidamente em sua crítica a frustração de sua expectativa teológica frente ao olhar machadiano sobre temas religiosos. A crítica de Bressane, motivada por seu incômodo frente à perspectiva machadiana, é apontada por Antônio Magalhães como obstáculo para a aproximação entre a Bíblia e a literatura.

O primeiro motivo é que a Bíblia foi vista, por alguns, como livro da instituição religiosa e não como livro da cultura e de processos civilizatórios complexos. Nesta pré-compreensão teológica ou confessional dos textos, como se ali fosse seu único reduto hermenêutico permitido, encontramos um dos principais fatores que obstaculizam o grande trabalho de crítica e teoria literária sobre o papel da Bíblia no desenvolvimento da literatura ocidental. Esta dificuldade existe de ambos os lados, seja pelos que se consideram guardiões da Bíblia como livro sagrado e inspirado, seja pelos que se consideram defensores de uma crítica literária que não reconhece o tema da religião como constitutivo e estruturante de parte da literatura ocidental (MAGALHÃES, 2008, p. 16).

Segundo Magalhães, a literatura coloca os textos bíblicos sob novos olhares, os quais, geralmente, se distanciam dos pressupostos teológicos confessionais, pois as hermenêuticas literárias abordam a Bíblia a partir de sua pluralidade. Para o autor, as pessoas que leem a Bíblia somente com a visão teológica ou de suas confissões não se abrem para a variedade de possibilidades existentes no texto bíblico, por priorizarem o olhar doutrinário e unívoco, excluindo assim a polissemia e a oscilação das personagens e das tramas.

Sayao (2020, p. 322-323) argumenta que a literatura, ao lidar com temáticas próprias de textos sagrados, rompe com visões tradicionais, devido à sua face transgressora, por conseguir mergulhar em aspectos profundos do cotidiano humano em diferentes temporalidades e, assim, lançar um olhar próximo e sem preocupações religiosas sobre o que de mais peculiar existe nos indivíduos e nas sociedades.

Percebemos que, mesmo quando a literatura possibilita novas interpretações do texto bíblico, diferentes das tradicionais, tal fato não diminui a importância da Bíblia, pois, mesmo diante das oscilações, existe uma relação de dívida. Não existiriam versões apócrifas sem as versões canônicas. Assim como não existiram interpretações ditas “heréticas”, sem os textos “ortodoxos”.



Segundo Brum, é a partir deste contexto religioso que Machado vai construir suas obras, trazendo para dentro delas essas realidades, de forma direta ou indireta, utilizando a religião diversas vezes como metáfora para referir realidades políticas e econômicas. Assim, “e não somente porque formou a sua expressão intelectual, mas também porque acabou formando o contexto representado nos seus livros, é que o fenômeno religioso ganha importância” (BRUM, 2009, p. 19). É neste sentido que *Dom Casmurro* se constitui em uma das obras religiosas de Machado de Assis, pois, ao longo da narrativa, metaforiza dramas, desafios e paradoxos presentes no universo da religiosidade cristã.

Da promessa ao paradoxo cristão, em *Dom Casmurro*

Para compreender o diálogo entre temas e textos bíblicos com as obras de Machado de Assis, é fundamental recorrer a obras primárias que as inspiraram. No caso de Machado de Assis, muitos de seus textos, ao fazerem menção a aspectos religiosos de sua época, se tornam setas apontando para outros textos que os atravessam. Desconhecer ou ignorar as fontes de inspiração do autor é deixar a leitura soterrada e com “lacunas na leitura de obras relevantes do autor”. Tal atitude é um erro, pois “compreender estes símbolos e referências ajudará a compreender melhor Machado de Assis” (BRUM, 2009, p. 18).

O que fica evidente diante da defesa do conhecimento da literatura religiosa para se compreender melhor os personagens machadianos inspirados na religião é que Machado de Assis era um conhecedor da religião e dos textos religiosos. Isso fica evidente no livro *Dom Casmurro*, onde há a história de Bentinho, apaixonado pela vizinha Capitu, sabendo, porém, que deverá ir ao seminário para cumprir a promessa de sua mãe, dona Glória, de fazer um menino padre. No seminário, Bentinho conhece Escobar e se tornam grandes amigos. O novo amigo convence Glória de que não é necessário que Bentinho seja padre para cumprir a promessa, mas basta que ela faça um menino padre, de forma que um órfão abandonado é enviado em seu lugar.

A substituição forçada de Bentinho traz a crítica de Machado de Assis à desigualdade social no país, em uma obra que dialoga com as contradições entre os valores cristãos, tão apregoados e defendidos pela mãe do personagem, com a naturalização de um sistema opressor que retira a liberdade de pessoas e ainda as desumaniza. Contudo, em vários momentos, traz a ironia da



defesa do cristianismo e dos valores familiares em uma realidade que internaliza a opressão de forma paradoxal.

No começo da narrativa, se destaca o preconceito de classe, pois dona Glória, religiosa, não gosta de Capitu, porque pode impedir Bentinho de se tornar padre e porque não pertence às elites cariocas. Assim, José Dias, agregado da família, tem o papel de ajudar a afastar Capitu. Em um diálogo entre ele e o irmão de dona Glória, conhecido como Tio Cosme, a mãe de Bentinho destaca sua contraditória religiosidade, que é marcada por preconceitos, pela naturalização da desigualdade social, ao mesmo tempo em que defende os valores familiares cristãos e a supremacia divina.

Contava muita vez uma viagem que fizera à Europa, e confessava que a não sermos nós, já teria voltado para lá; tinha amigos em Lisboa, mas a nossa família, dizia elle, abaixo de Deus, era tudo.

— Abaixo ou acima? perguntou-lhe tio Cosme um dia.
— Abaixo, repetiu José Dias cheio de veneração.

E minha mãe, que era religiosa, gostou de ver que elle punha Deus no devido logar, e sorriu approvando (ASSIS, 1899, p.16-17)⁵.

Dona Glória traz os paradoxos do cristianismo que defende valores e mandamentos de forma estrita, sem que se imponham transformações em seus preconceitos de classe ou em suas concepções sobre as desigualdades sociais. Todos demonstram satisfação em colocar Deus acima de tudo e a família em segundo lugar, pois assim destacam a ordem de Jesus, nos evangelhos. Em Marcos 12:30, ao responder a um questionamento de um escriba sobre os mandamentos, Jesus afirma que a suma da lei é: “Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força.”

A esta afirmação de Jesus, resumindo os mandamentos, Dona Glória se apega em sua satisfação com a fala de José Dias, que coloca em segundo lugar a família e Deus acima de tudo. A crítica machadiana ao esvaziamento do cristianismo está contida nos silenciamentos presentes no diálogo, pois na sequência do texto bíblico, em Marcos 12:31, Jesus afirma também: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Na visão de uma família tradicional da elite do período imperial, não parece haver problema algum em obrigar um órfão a cumprir uma promessa que

⁵ Como estamos trabalhando com uma edição de 1899, da obra *Dom Casmurro*, obtida junto a Biblioteca Digital José Mindlin, da USP, foi mantida a escrita original nas citações, o que não traz prejuízo à compreensão dos textos.



Dona Glória fizera a Deus e também em excluir e perseguir socialmente famílias que não pertencem às camadas mais elevadas da sociedade, o que parece levar ao esquecimento da sequência do texto bíblico sobre amar a Deus, pois não se faz referência ao amor ao próximo como a si mesmo.

Douglas Conceição, ao se lançar na busca dos rastros da religião em Machado de Assis, defende a independência da literatura frente à teologia cristalizada pelas instituições cristãs. Em seu livro *Teologias e literaturas: aspectos religiosos em Machado de Assis*, Conceição também dirige sua crítica para a visão unilateral de teólogos que transformaram a literatura em um “lugar teológico” que serviria apenas para guardar “determinados traços de uma teologia imutável ou imagens religiosas cristalizadas em nossa tradição” (CONCEIÇÃO, 2013, p. 41). Este autor defende a autonomia da literatura frente aos temas teológicos que a atravessam.

Para ele, a literatura não é um mero depósito de temas teológicos, antes, ela desenvolveria sua própria teologia através da interpretação que faz do mundo e das experiências vividas pelo ser humano, dentre as quais estão as de natureza religiosa. A partir, então, do reconhecimento temático que tanto a teologia quanto a literatura se prestam a retratar, Conceição acredita que não deva existir a cisão entre ambas, visto tratarem de temas afins, a partir de óticas diferentes.

A aproximação entre teologia e literatura – por meio da capacidade enunciativa que ambas possuem de dizer a realidade, o ser humano e tudo aquilo que ele aspira, deseja e o toca incondicionalmente – poderá, verdadeiramente, entre elas, estabelecer uma forma paralela e não conflitiva de discurso (CONCEIÇÃO, 2013, p. 44).

Buscando dar voz aos personagens machadianos, em seu trabalho *Fuga da promessa e nostalgia do divino: a antropologia de Dom Casmurro de Machado de Assis como tema no diálogo entre teologia e literatura*, Conceição (2003) descortina um caminho que conduz à autonomia da literatura em produzir reflexões teológicas importantes sobre o ser humano.

Para construir sua análise sobre as obras de Machado de Assis, Conceição desce ao nível hermenêutico e declara que a metodologia de Bressane (1978) obscurece o que é potencialmente relevante no texto machadiano, visto haver uma ausência de reflexão sobre as questões religiosas a partir do ponto de vista dos personagens. Conceição defende que, via Antropologia, é possível marcar um ponto de encontro entre Teologia e Literatura, devido à complexidade das relações humanas e religiosas presentes na obra.



A promessa é a chave que interliga os universos do protagonista, que se vê entre a sacralização e religiosidade propostas por sua mãe e a vida secular, com trabalhos, dinheiro e romance nos quais parece se enxergar mais. Como conciliar estes universos sem romper com a presença de Deus na vida do protagonista e de sua família? A ruptura com a promessa significaria uma saída do paraíso que lhe parecia determinado com a dedicação a uma vida eclesial desde antes de nascer:

Venhamos ao capítulo. Minha mãe era temente a Deus; sabes disto, e das suas práticas religiosas, e da fé pura que as animava. Nem ignoras que a minha carreira eclesial era objecto de promessa feita quando fui concebido. Tudo está contado oportunamente. Outrossim, sabes que para o fim de apertar o vínculo moral da obrigação, confiou os seus projectos e motivos a parentes e familiares. A promessa, feita com fervor, aceita com misericórdia, foi guardada por ella, com alegria, no mais íntimo do coração. Penso que lhe senti o sabor da felicidade no leite que me deu a mamar (ASSIS, 1899, p. 231).

O vínculo moral-religioso que colocava, segundo a expressão de Dona Glória, Deus em primeiro lugar e a família em segundo, parecia se concretizar nesta promessa que unia Deus e família, na ordem em que ela acreditava, e fortalecia os dois campos na vida de Bentinho. Os desejos individuais e subjetivos do protagonista não poderiam, então, se opor à supremacia divina nem à de sua mãe em sua vida, de forma que a ele caberia somente aceitar sua condição e vir a se tornar padre.

O temor a Deus, um fundamento do cristianismo, servia de incentivo para Dona Glória enviar o filho ao seminário, mesmo contra a vontade dele e dela, pois ela desejava o filho junto a si. Parecia uma falha no cumprimento do texto bíblico e um desrespeito a Deus não manter sua palavra, já que seu filho “vingara”. Em diversas passagens bíblicas, a ideia do temor a Deus é contumaz, como no livro de Apocalipse 14:7, que ordena: “Temei a Deus e dai-lhe glória”, ou em Eclesiastes 12:13, que afirma ser a ideia central da Bíblia: “De tudo o que se tem ouvido, a suma é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem”. Portanto, não manter a palavra diante do Criador parecia ser algo como desafiar-Lo, não O colocando na condição de mais importante e não expressando o temor devido a Ele.

Conceição aborda a obra *Dom Casmurro* a partir da promessa que Dona Glória fez a Deus, ao vincular o nascimento de seu filho, Bentinho, ao compromisso de doá-lo à igreja. A promessa atravessa toda a obra e traz a crítica machadiana à hipocrisia de um cristianismo que funciona de forma excludente, ainda que marcado pela forte religiosidade através dos laços maternos:



Os projectos vinham do tempo em que fui concebido. Tendo-lhe nascido morto o primeiro filho, minha mãe pegou-se com Deus para que o segundo vingasse, prometendo, se fosse varão, mettel-o na igreja. Talvez esperasse uma menina. Não disse nada a meu pae, nem antes, nem depois de me dar à luz; contava fazel-o quanto eu entrasse para a escola, mas enviuvou antes disso. Viúva, sentiu o terror de separar-se de mim; mas era tão devota, tão temente a Deus, que buscou testemunhas da obrigação, confiando a promessa a parentes e familiares (ASSIS, 1899, p. 30-31).

Este tema mostra a presença do transcendental como parte integrante da vida dos personagens machadianos, e não como um sagrado distante que os personagens teriam dificuldade em compreender:

Este Deus é um Deus próximo do homem e não perdido nas infinitas zonas do plano superior, mas sim, ocupado em conceder aos homens os pedidos que têm origem nas mais variadas situações limites da vida humana. O Deus que se revela é, portanto, o Deus das promessas (CONCEIÇÃO, 2003, p. 81).

No desenrolar da história, Bento, insatisfeito com a promessa, busca uma forma de se livrar dela:

— Sua mãe fez promessa a Deus de lhe dar um sacerdote, não é? Pois bem, dê-lhe um sacerdote, que não seja você. Ella pôde muito bem tomar a si algum mocinho orphão, fazel-o ordenar á sua custa, está dado um padre ao aliár, sem que você...

— Entendo, entendo, é isso mesmo.

— Não acha? continuou elle. Consulte sobre isto o protonotário; elle lhe dirá se não é a mesma cousa, ou eu mesmo consulto, se quer; e se elle hesitar, fala-se ao Sr. bispo. Eu, reflectindo:

— Sim, parece que é isso; realmente, a promessa cumpre-se, não se perdendo o padre. Escobar observou que, pelo lado econômico, a questão era fácil; minha mãe gastaria o mesmo que commigo, e um orphão não precisaria grandes commodidades. Citou a somma dos alugueis das casas, 1:070\$ 000, além dos escravos...

— Não ha outra cousa, disse eu.

— E saímos juntos.

— Você também?

— Também eu. Vou melhorar o meu latim e saio; nem dou theologia. O próprio latim não é preciso; para quê no commercio?

— In hoc signo vinces, disse eu rindo.

Sentia-me pilherico. Oh! como a esperança alegre tudo. Escobar sorriu, parecendo gostar da resposta. Depois ficámos a cuidar de nós mesmos, cada um com os seu olhos perdidos, provavelmente. Os d'elle estavam assim, quando tornei de longe, e agradei de novo o plano lembrado; não podia havel-o melhor. Escobar ouviu-me contentissimo.

— Ainda uma vez, disse elle gravemente, a religião e a liberdade fazem boa companhia (ASSIS, 1899, p. 275-276).

A liberdade da religião serve apenas como elemento discursivo para embasar a quebra da promessa na substituição de Bentinho por um menino que não possui a liberdade de escolha, pois foi colocado à margem da sociedade que se autodefine como cristã, composta por famílias tradicionais. Enviar um menino órfão seria, então, na lógica de Escobar e Bentinho, e que foi



aceita por sua mãe, um ato de caridade cristã, já que ele era pobre, sem conhecimento e contato com familiares, com poucas alternativas e, ao mesmo tempo, uma economia para a família, pois não seria necessário manter esse menino nas mesmas condições exigidas para Bentinho, filho das elites cariocas.

É um duplo padrão de moral cristã que se aplica nesta questão: um para o órfão pobre e outro para a família tradicional de elite, utilizado para legitimar a quebra da promessa. Para Conceição (2003), a quebra da promessa marcaria a liberdade humana frente ao controle de Deus, em um cenário de busca de elementos para conciliação com o esvaziamento do sagrado.

Bressane (1978, p. 40) considera que o olhar humanista de Machado exclui o sobrenatural, sendo visto com certa depreciação, e sugere que Machado teria se deixado embalar “pelos alardes de uma falsa ciência”. De outro ângulo, Conceição (2003) reaproveita o cenário de mundo desencantado que permeia a obra *Dom Casmurro* e defende que ele demonstra traços importantes das relações entre o Deus que se revela ao homem.

Ao passo que o olhar humanista de Machado é visto com certo demérito por Bressane, para Conceição ele seria a chave hermenêutica para se entender o mundo desencantado apresentado na obra *Dom Casmurro*. Conceição questiona: “Por que o momento primeiro do caráter representativo dos símbolos da obra machadiana é o humano?”. Sua resposta é que o homem é o objeto central da reflexão machadiana e o ponto de onde se deve interpretar sua obra. Porém, ela chama a atenção para o fato de que o humano não está restrito ao campo literário, sendo também objeto do olhar teológico, o que aproxima os campos (CONCEIÇÃO, 2003, p. 58).

O protagonista de *Dom Casmurro* é apresentado por Conceição como um “homem vivo”, que deseja debruçar-se nos braços da vida. No entanto, para isso, sente-se obrigado a se desamarrar das exigências monásticas. Conceição entende que o protagonista, em certo nível, reflete a instalação da modernidade no Rio de Janeiro do século XIX, cuja filosofia já anunciava o decreto da morte “do Deus controlador, do Deus da Igreja; do Deus da promessa.” Assim, Bentinho é apresentado como um sujeito que quer se encontrar em um mundo onde a presença do transcendente é substituída pela busca da felicidade (CONCEIÇÃO, 2003, p. 12).

Escobar escutava com interesse; no fim da nossa conversação, declarou-me que era segredo enterrado em cemitério. Deu-me de conselho que não me fizesse padre. Não podia levar para a igreja um coração que não



era do céu, mas da terra; seria um mau padre, nem seria padre. Ao contrário, Deus protegia os sinceros; uma vez que eu só podia servil-o no mundo, ahí me cumpria ficar (ASSIS, 1899, p. 227).

Entre a promessa e os desejos pessoais, Bentinho procurava uma saída para encontrar seu lugar no mundo e fora do sagrado. A ruptura com a promessa parecia uma saída do universo sagrado, e este é o centro religioso da narrativa literária, que aborda a Teologia, não apenas como um olhar de fora, em diálogo, mas como um conhecedor das temáticas próprias do cristianismo. Ao se referir a Machado de Assis como leitor da Bíblia, Brum o descreve como alguém que dialoga profundamente com os textos bíblicos, e não somente com algumas ideias passadas oralmente. Ele “é daquele intelectual que foi ao fundo do texto, que o perscrutou, que o analisou criticamente e nele encontrou elementos que poderia integrar à sua matriz de composição” (BRUM, 2009, p. 124).

No capítulo final de seu trabalho, intitulado *Na literatura, uma antropologia: a discussão teológica em Dom Casmurro*, Conceição (2003) detalha o romance entre Capitu e Bentinho, os protagonistas da obra, apresentando um humano resignado e inquieto perante a vida. A partir desse desejo pela vida, dá-se o salto da Antropologia para a Teologia, da relação entre o homem com Deus e Deus com o homem. “O ponto culminante do que denominamos ser a morte de Deus na vida de Bentinho é o fim da promessa” (CONCEIÇÃO, 2003, p. 86). O salto que Bentinho dá para a vida longe de Deus transforma seu mundo em um imenso mar de decepções, o que pode nos levar a diversas reflexões teológicas a partir da realidade do personagem. É possível falar sobre a necessidade de Deus, ou da necessidade de se “sair do paraíso” para o estabelecimento da humanidade (CONCEIÇÃO, 2003, p. 87).

Considerações finais

A Bíblia, o texto mais influente do Ocidente, extrapolou as paredes da teologia cristalizada entre os dogmas religiosos e invadiu o mundo da literatura, emprestando seus personagens e temas para diversas obras seculares. Porém, o uso dos textos bíblicos fora das interpretações doutrinárias levantou críticas tanto dos hermenutas que desejaram trancar a Bíblia dentro de seu reduto hermenêutico institucional, quanto de literatos que se negaram a reconhecer o valor dos textos bíblicos para a literatura.

No entanto, se seu caráter sagrado é negado por alguns, sua característica literária não pode ser ignorada por ninguém. Fato este que justifica a presença de textos em outros textos, tanto



religiosos quanto seculares, em um enorme emaranhado de fios literários que se cruzam e entrecruzam, dando origem a novos textos, mas sem deixar de prestar o devido crédito aos antigos.

A Bíblia aparece com força em narrativas literárias, não apenas como pano de fundo, mas também na condição de elo construtor da narrativa. Esta construção literária marca obras importantes de Dostoiévski, como *Crime e Castigo* (2016) e *Os Irmãos Karamazov* (2012), nas quais termos, frases e conceitos bíblicos atravessam um mergulho na Filosofia e na Sociologia para construir personagens marcados por uma universalidade que exacerba a temporalidade da obra e tece uma análise sobre a religiosidade em uma forte crítica social (SCHNAIDERMAN, 1974).

Para Nunes (1989), as obras de Machado de Assis são marcadas pelo conhecimento de Filosofia que adentra o campo metafísico para problematizar as contradições inerentes à sociedade e, mesmo tratando de temáticas próprias de seu tempo, como a escravidão, o transcendem devido ao aprofundamento filosófico e à hermenêutica presente em suas narrativas, que traz, por exemplo, o problema do conflito entre o bem e o mal, como algo que se apresenta na concretude da vida humana. “O plano mítico ou metafísico do conflito entre o bem e o mal é neutralizado, uma vez que se confundem os dois princípios” (NUNES, 1989, p. 15).

A análise de Sayao (2020, p. 323) sobre a literatura evidencia que não faz sentido esperar das obras literárias que reforcem cânones e visões preconcebidas de qualquer campo de estudo que seja, pois a ética para “a literatura estaria muito mais conectada ao frêmito da vida que se pode supor”. Por sua própria natureza “livre e despudorada”, Sayao (2020, p. 324) vê a literatura como livre de amarras, transitando entre o mundo vivido e universos sagrados para recriar conceitos, perspectivas e formas de ver e ler o mundo.

Machado de Assis então se utiliza de um profundo conhecimento da Bíblia para imprimir em seus personagens diálogos e reflexões marcados pela intertextualidade da Bíblia com suas obras, o que se demonstra em várias citações presentes em suas narrativas. A forma inteligente com que Machado se utiliza de temas bíblicos é apontada por Bressane (1978) como sinal de seu profundo conhecimento da Bíblia. A título de exemplo, ele cita o penúltimo romance machadiano, *Esau e Jacó*, o qual, desde o título até as citações diretas de porções da Bíblia no seu interior, demonstra como a Bíblia fazia parte da biblioteca de Machado.

Este é o caminho adotado em *Dom Casmurro*, em que Machado de Assis traz o mundo sagrado por dentro e traz as contradições das experiências do cristianismo nas vidas das



personagens. As referências à Bíblia ocorrem nas falas e vivências ao longo do processo narrativo. Com o olhar da crítica social, Machado nos possibilita descortinar os paradoxos entre as crenças e a concretização destas, quando ocorre a reunião do sagrado com os desejos das personagens.

A Bíblia precisa ter o seu espaço livre para as diferentes leituras. E se liberdade é oferecer ao outro a oportunidade de apresentar seu ponto de vista, deve haver espaço para que os diferentes campos do conhecimento, incluindo a análise literária, possam construir novas problematizações e abordagens sobre a Bíblia ou sobre textos a ela correlacionados. Mesmo eventualmente trazendo novas interpretações que apresentem divergências em relação a alguns conceitos caros ao cristianismo, a literatura pode também trazer abordagens que possibilitem novos estudos e debates sobre a riqueza do texto bíblico, tornando-o conhecido e até mesmo acessível em outros contextos para além dos religiosos.

Não é o desejo de Dona Glória ou o de Bentinho que marcam a ida para o seminário, mas a renúncia ao desejo, para o cumprimento da promessa. No cumprimento da promessa, ocorrem então arranjos que demonstram as contradições, pois opera uma lógica do sagrado para as famílias de elite que podem ainda exercitar sua caridade cristã ao, na prática, obrigar o órfão desamparado a ir ao seminário e vir a se tornar padre, com economia financeira e mantendo na consciência que a promessa não foi quebrada.

Mesmo assim, quebrou-se o ciclo entre o sagrado e o mundo secular, e Bentinho agora terá de viver fora deste paraíso eclesial, exposto aos problemas e desejos mundanos, como alguém que experimentou fazer arranjos diante do divino e rompeu com uma promessa, oferecendo um pobre órfão como substitutivo de si mesmo. Caridade, laços familiares, amor a Deus, ao próximo, passagens da Bíblia, todos são rearranjados em *Dom Casmurro* para que os personagens possam conciliar seus próprios desejos e as contradições entre suas vivências pessoais e sociais com as crenças cristãs que afirmam seguir. Assim, opera um padrão cristão para a própria família e para as elites, e outro para os demais que vivem excluídos da sociedade e também colocados à parte nesta lógica de cristianismo.



Referências

- ALFONSECA, Walter. El cristianismo en la literatura de fantasia y ciencia-ficción. *Religión y Cultura*. Smo. Nombre de Jesus-Espanha, v. LV, n. 245-246, 2008, p. 285-304.
- ALTER, Robert; KERMODE, Frank (Orgs.). *Guia literário da Bíblia*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.
- BRESSANE, Hugo. *O aspecto religioso da obra de Machado de Assis*. São Paulo: Edições Paulinas, 1978.
- BRUM, Fernando Machado. *Literatura e Religião: estudo de referências religiosas na obra de Machado de Assis*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.
- BULTMANN, Rudolf. *Demitologização*. São Leopoldo: Sinodal, 1999.
- CONCEIÇÃO, Douglas Rodrigues da. *Fuga da promessa e nostalgia do divino: a antropologia de Dom Casmurro de Machado de Assis como tema no diálogo entre teologia e literatura*. Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2003.
- CONCEIÇÃO, Douglas Rodrigues da. *Para uma poética da vitalidade: religião e antropologia na escritura machadiana (uma leitura de Memória póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis)*. Tese de Doutorado. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2007.
- CONCEIÇÃO, Douglas Rodrigues da. *Teologias e Literaturas 3: aspectos religiosos em Machado de Assis*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.
- DOSTOEVSKI, Fiódor. *Crime e castigo*. São Paulo: Editora 34, 2016.
- DOSTOEVSKI, Fiódor. *Os irmãos Karamazov*. São Paulo: Editora 34, 2012.
- GOMES, Eugênio. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- LIMA, Anderson de Oliveira. A Bíblia como literatura – A Bíblia como ficção. *Estudos de Religião*, v. 29, n. 1. 153-168. jan.-jun. 2015.
- MACHADO DE ASSIS, J. M. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: H. Garnier Editor, 1899. Disponível em <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4828?locale=en>. Acesso em 22 dez. 23.
- MACHADO DE ASSIS, J. M. *Obra completa - Tomo I*. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 2015.



MAGALHÃES, Antônio Carlos de Melo. A Bíblia como obra literária: hermenêutica literária dos textos bíblicos em diálogo com a teologia. In: FERRAZ, Salma et al. (Orgs). *Deuses em poéticas: estudos de literatura e teologia*. Belém: UEPA; Campina Grande: EDUEPB, 2008.

MILES, Jack. *Deus, uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MOISÉS, Leyla Perrone. *Texto, Crítica, Escritura*. São Paulo: Ática, 1978.

NUNES, Benedito. Machado de Assis e a Filosofia. *Travessia*. Florianópolis, n. 19, 1989, p. 1-17.

SAYAO, Sandra Cozza. Entre a literatura e a Bíblia: pensar com Levinas é pensar além. *Teoliterária*. São Paulo, v. 10, n. 22, 2020, p. 308-329. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/48900>. Acesso em 23.12.23.

SCHNAIDERMAN, Boris. Crítica ideológica e Dostoievski. *Trans/Form/Ação*. Marília-SP, v. 1, 1974, p. 105-116.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34, 2000a.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34, 2000b.

TOSAUS ABADÍA, J. P. *A Bíblia como literatura*. Petrópolis: Vozes, 2000.